NA NOITE ANTES DO NATAL... Eu não conseguia dormir, então em vez disso eu estava curvada na minha cama, celular na mão, procurando coragem para apertar o botão para enviar a mensagem. Exasperada, afastei o cabelo do rosto e olhei para o relógio para verificar a hora. Meu pânico se intensificou. Eu quase não conseguia esperar mais.

"Ansiosa pra amanhã!"

Será que era demais? Shimamura se sentiria pressionada ao ler isso, ou pensaria que era estranho? Essas eram as preocupações que mantinham meu dedo firmemente suspenso... mas se eu fosse enviar este e-mail, precisava fazê-lo antes de ela ir para a cama. Caso contrário, não teria sentido enviá-lo.

Toquei quatro ou cinco vezes em rápida sucessão, nenhuma delas firme o suficiente para realmente pressionar o botão. *Meu Deus, o que há de errado*

comigo?! Eu me contorci para frente e para trás na minha cama, abafando meu rosto nos lençóis. Precisava ir para a cama logo ou acabaria com olheiras amanhã, e eu não queria isso.

Apenas envie logo!

Se eu enviasse, havia uma chance de que não me arrependesse, mas se não enviasse, com certeza me arrependeria. A escolha era fácil.

Virando de lado, estiquei um dedo e pressionei o botão Enviar como se estivesse cancelando a inscrição em uma *newsletter*. Pressionei a tela até ver o botão afundar. Isso foi seguido por uma pequena animação de avião de papel: Mensagem Enviada.

Imediatamente, afastei meu telefone.

Encostando-me na parede, dei uma risada vazia. Então, saltei da minha cama e fingi estar perdida em pensamentos sobre outra coisa. Em minha mente, parecia que Shimamura só responderia se eu não estivesse olhando para o telefone, então me mantive de costas. *Vá em frente e me escreva de volta — veja se me importo.*

Sentei-me à minha mesa, abri meu livro didático, li quase nada e o fechei novamente. Em seguida, coloquei a cabeça sobre os braços e fechei os olhos. Minhas pernas tremiam inquietas enquanto uma névoa descendia sobre meu coração e cérebro — uma névoa inspirada diretamente por ter testemunhado Shimamura e Nagafuji passando tempo juntos; uma névoa de frustração e autoaversão.

Odiava a forma como sempre sentia esse aperto no estômago quando estava esperando por uma resposta. Nem mesmo estava tão preocupada com o que ela ia dizer; na verdade, estava mais preocupada caso ela não respondesse, especialmente porque sabia que ela não era de conversar por mensagens, sempre foi assim. De qualquer forma, enquanto brincava com minha franja, me vi desejando desesperadamente que ela se apressasse e me escrevesse de volta logo.

Então meu telefone apitou, e eu caí da cadeira.

Embaraçada, me levantei e saltei para minha cama, pegando meu telefone. Segurando-o, rolei para trás e naveguei até a resposta da Shimamura. Eu estava tão nervosa que a sala estava girando.

"Sim."

Era isso. Era toda a sua resposta.

Como eu devo interpretar isso? É um tipo de "claro que sim" ou um tipo de "sim, pode apostar, perdedora"? É exatamente por isso que odeio enviar e-mails. Eles são tão enigmáticos.

Para ser justa, não era culpa de Shimamura. Independentemente de quem me enviou esse "sim", eu ainda não conseguiria entender o que deveria significar. Mensagens de texto simplesmente não transmitem as mesmas informações emocionais que uma voz humana... e eu queria essas informações. Queria saber mais sobre ela.

"Pelo menos amanhã vou poder ouvir a voz dela."

Eu estava me precipitando demais. Nem tinha começado ainda. Pelo menos, era o que eu me dizia enquanto me enroscava sob as cobertas.

Uma teia de calor febril se instalou sobre minha cabeça. Naturalmente, na única noite em que eu queria dormir logo para poder avançar para o dia seguinte, meu cérebro estava completamente acordado.

Às vezes, sinceramente, odeio ser humana.

***

Pensando bem, eu já tinha me encontrado com a Shimamura aqui uma vez antes, em outubro. Fiquei acordada a noite toda com insônia, só começando a cochilar de manhã, e como resultado, acabei chegando atrasada.

E agora? Bem, eu não estava atrasada, ponto positivo. No entanto, estava bocejando cinco vezes por minuto. Além disso, estava tremendo de frio. Eu sabia que estava limitada no tempo esta manhã, mas decidi tomar um banho mesmo assim na esperança de que isso me acordasse. No entanto, foi um erro. Não tive tempo suficiente para secar completamente o cabelo, então acabei saindo de casa com a cabeça úmida. No meio do inverno. Sim. Então, adeus para os meus planos de me arrumar mais hoje.

Fui eu quem escolheu o local de nosso encontro: o centro de informações dentro do prédio do shopping. Este não era o mesmo shopping de onde comprei o chá, vale ressaltar, mas tinha sua própria árvore de Natal gigante e chamativa. Teria sido fácil demais pedir para ela me encontrar lá, é claro, mas era onde todos estavam se encontrando. Fui pelo caminho mais longo para dar uma espiada antecipada, e, com certeza, havia muitos casais. Quase como se eu tivesse tropeçado na coleção pessoal de Deus. Infelizmente, nenhum deles era de pares do mesmo sexo... mas talvez isso fosse de se esperar. Sim, provavelmente.

Mais uma vez, fiquei dolorosamente consciente de como nossa amizade era anormal. *Será que isso incomodava a Shimamura? Será que ela concordava em sair comigo apenas por sentir-se obrigada?* Sempre que minha mente começava

a divagar, rapidamente me encontrava em uma espiral negativa por algum motivo. Talvez fosse a falta de sono. Afastei os pensamentos.

De qualquer forma, escolhi manter alguma distância entre nós e os casais principalmente para não chamar tanta atenção quando nos encontrássemos... mas no fundo, eu também meio que esperava que um ambiente mais privado tornasse mais fácil segurar as mãos. Contraditório, eu sei. Às vezes, parecia que meu coração e cérebro estavam completamente em desacordo um com o outro.

Enquanto bocejava pela enésima vez, voltei no pensamento para a vez em que nos encontramos em outubro. Naquela época, aquela garotinha de cabelos azuis tinha interrompido nosso encontro, mas hoje eu estava torcendo para que Shimamura aparecesse sem bagagem adicional. Tinha exigido uma quantidade incrível de coragem fazer com que hoje acontecesse, e eu não queria compartilhá-lo com uma terceira pessoa.

Verifiquei a hora no meu telefone. Não havia recebido nenhum outro e-mail desde o "sim" de ontem à noite, o que na verdade foi um alívio, pois significava que ela não havia cancelado. Nosso encontro marcado para as 11h estava agora a apenas cinco minutos de distância.

E quando levantei os olhos do meu telefone, avistei a garota que estava esperando.

"Oh, ela está aqui."

No instante em que pus os olhos nela, meu coração deu uma leve acelerada no peito. Era a Shimamura, com certeza — na hora certa e sem nenhum acompanhante extra, graças a Deus.

Ela acenou para mim. Aliviada, acenei de volta. "E aí! Esperou muito tempo?"

"Não, acabei de chegar."

"Mentira!" ela retrucou, apontando para mim. "Eu sei que você estava parada aqui pelos últimos cinco minutos, no mínimo. Eu te vi!"

Descoberta. Ela tinha me descoberto completamente. Para ser honesta, cinco minutos era uma estimativa otimista — meu tempo real de espera estava mais perto de quinze.

Então, ela sorriu, provavelmente aproveitando o terror absoluto no meu rosto. "Relaxa! Estou brincando. De qualquer forma, desculpe por demorar tanto."

Ela estava usando uma jaqueta com capuz forrado de pele sobre um vestido preto estampado de flores e botas marrons, e carregava sua mochila habitual.

Seu cabelo estava bem arrumado, mas as raízes estavam começando a aparecer.

Independente da forma como você olhasse, esta era a Shimamura de fim de semana típica — e por algum motivo, achei reconfortante vê-la assim.

A conversa terminou, e partimos juntas, lado a lado. No entanto, alguns passos adiante, fui visceralmente lembrada da vez em que a vi andando com Nagafuji. Neste ponto, isso tinha acontecido quase uma eternidade atrás, e ainda assim minha mente continuava voltando para aquilo. *Ah.* Pressionei a mão na testa.

Então Shimamura se virou para mim, e eu sabia que provavelmente era tarde demais para agir naturalmente, mas logo forcei um sorriso mesmo assim. Um sorriso muito tenso.

"Rapidinho, tenho uma pergunta que quero fazer."

"Hã? O-oi, o que foi?"

Sua introdução me deixou nervosa, mas tive a sensação de que sabia o que ela ia dizer em seguida. Um sorriso brincava em seus lábios enquanto seu olhar se fixava na roupa oculta sob meu casaco.

"Por que você está usando seu vestido chinês?"

"Ah. Entendi. Compreendo por que isso pode... te deixar curiosa."

Nervosamente, puxei a barra para baixo. Eu tinha feito um esforço para pegá-lo emprestado do restaurante onde trabalhava, e embora eu o tivesse em grande parte coberto com um casaco pesado, as bordas ainda apareciam — tecido azul brilhante com flores de ameixeira e folhas de bambu bordadas nele. Pior ainda, eu tinha combinado esse vestido chamativo com sapatilhas que não tinham graça nenhuma. No geral, meu visual era uma bagunça da cabeça aos pés, e eu não podia culpá-la por notar.

Nos últimos dias, eu me torturei para decidir o que vestir. Até comprei roupas novas para a ocasião, apenas para decidir que odiava todas elas. Mas no final, por algum motivo, acabei voltando para essa opção. E mesmo que eu pudesse entender completamente o que me levou a essa escolha, era tarde demais para voltar atrás.

Enquanto organizava meu processo de pensamento da noite anterior, no entanto, me ocorreu uma possível razão: porque Shimamura havia me elogiado da última vez que me viu usando o vestido. Aparentemente, isso foi o que fez a balança pesar a favor... Evidentemente, confiava mais no gosto da Shimamura do que no meu próprio.

"Quer dizer, é meio estranho..."

Já estava preocupada com as pessoas nos olhando, e agora isso? *Me mata agora! Se ela me desse uns quinze minutos, poderia correr para a loja de roupas mais próxima e comprar algo diferente!*

Enquanto isso, Shimamura coçou o pescoço levemente. "Quer dizer, as pessoas podem pensar que você é tipo uma garota propaganda... Oh, mas eu não me importo, pessoalmente. Acho fofo."

"Hmm..."

"Deve ser bom ser tão bonita," ela continuou em um tom brincalhão. "Eu adoraria poder arrasar nesse visual."

Ela provavelmente não queria dizer isso, é claro, mas mesmo assim, eu nunca soube como reagir sempre que ela me chamava de bonita. Seja como for, eu sabia que pareceria estranho se ela me visse corando por isso, então decidi esconder. Como eu ia conseguir isso? Nem ideia. Cerrei os dentes para manter minhas bochechas firmes, mas provavelmente não ajudou.

"Quer dizer, você é... tipo, muito mais bonita do que eu, então..."

Essa foi a melhor resposta que consegui pensar. Eu quis dizer como um elogio sincero, mas soou como um protesto.

"Haha, muito engraçado," respondeu Shimamura, e imediatamente ficou claro que ela não tinha me levado a sério.

No final, apesar de todos os outros comentários, ela acabou aprovando minha roupa. E se ela aprovava, então isso era o suficiente para mim. De repente, o peso saiu das minhas pernas, e se eu não tivesse cuidado, senti que poderia simplesmente pular em direção ao pôr do sol. *Não se apresse*, alertei para mim mesma. O dia está apenas começando.

"Então, para onde você está me levando?" ela perguntou.

"Bem, para começar... o segundo andar," respondi, apontando na direção das escadas rolantes, localizadas atrás do centro de informações. Nos últimos três dias observando o lugar e montando um itinerário de eventos, eu quase tinha memorizado completamente o layout do shopping.

À medida que nos aproximávamos das escadas rolantes, meu olhar se desviou para a mão livre de Shimamura, pendurada ociosamente ao lado dela. O dorso de sua mão parecia pálido e frio, mas sua palma parecia macia e convidativa...

Eu olhei ao redor como se estivesse prestes a furtar algo. Então, assim que me certifiquei de que ninguém estava nos observando, avancei em direção à sua mão na velocidade da luz. Enquanto isso, o resto do meu corpo congelou no lugar, e minha visão ficou branca enquanto meu covarde cérebro tentava se desconectar do que meu corpo tinha feito. Como resultado, segurei sua mão um pouco forte demais, dobrando acidentalmente seu polegar na direção errada.

"Ah!" ela exclamou.

Apressadamente, ajustei minha pegada... mas o estrago estava feito. Shimamura me lançou um olhar de raiva. *Meu Deus, eu não causei uma torção nela, não é?!*

"Me desculpa!"

"Tudo bem."

Ela mexeu e dobrou o polegar por via das dúvidas, mas nenhuma expressão de dor apareceu em seu rosto, então eu entendi que ela estava bem... mas bem quando eu soltei um suspiro de alívio, ela me lançou um olhar irritado, e eu recuei um pouco.

Recordando, isso provavelmente foi a primeira vez que deixei a Shimamura brava. Afinal, ela costumava ser tolerante com todo o meu comportamento estranho. No entanto, ela não tolerava que eu a machucasse. Isso era perfeitamente compreensível, é claro, mas... eu estava com medo de fazê-la me odiar. Era a única coisa que eu temia, acima de tudo.

Enquanto ela me olhava parada ali, petrificada, com os ombros encolhidos em torno das orelhas, sua expressão subitamente suavizou em um "ah, o que eu vou fazer com você..." não dito.

Ah, graças a Deus.

Então ela me pegou pela mão e me puxou para perto da parede, provavelmente para não bloquear o acesso à escada rolante ficando paradas ali. A parede estava tão polida que eu podia ver nossos reflexos, cercados por lojas chiques enfeitadas com toda a sua decoração natalina.

"Olha, é... por favor, não agarre minha mão assim, tá?"

"Tudo bem. Eu sinto muito mesmo." Mas não o suficiente para soltar.

Ela encarou nossas mãos unidas. Enquanto isso, eu encarava o chão, aterrorizada de ver a expressão em seu rosto.

"Você quer ficar de mãos dadas?"

Eu assenti. "Se estiver tudo bem," acrescentei. Tradução: sim, por favor.

"Já aconteceu algo assim há um tempo atrás, não foi?"

Eu assenti novamente. "Acho que sim," acrescentei. Tradução: sim, com certeza aconteceu.

“Hmmm… Hmmmmmm…”

Ela começou a refletir sobre isso. Claramente, ela sabia a importância do feriado, e agora estava hesitante. Enquanto isso, meu cérebro lutava consigo mesmo, debatendo se deveria retrair meu pedido e soltar a mão dela. Mas se eu queria ser especial para ela, então não conseguiria isso ficando parada e quieta. Minha única opção era agir.

Meu problema, é claro, era que eu não tinha como saber se minha abordagem era a certa.

Se enviar um único e-mail é o suficiente para me deixar de cabelo em pé, então talvez ficar de mãos dadas esteja fora do meu alcance, sugeriu meu superego. Mas era tarde demais. Mesmo se eu retirasse minha mão agora, não mudaria o fato de que eu tinha tentado em primeiro lugar.

Ficamos ali paradas pelo que parecia uma eternidade. Meus ouvidos estavam ficando frios, assim como minhas pernas nuas sob meu casaco; eu me xinguei por usar um vestido com uma fenda tão alta. Minha única fonte de calor era a mão da Shimamura.

Então, seus dedos se enrolaram lentamente nos meus.

"Ah, claro, por que não."

Algo sobre esse gesto recíproco me atingiu com força. Eu olhei para ela, de boca aberta. Então, com a mão livre, ela apontou o dedo indicador diretamente para o meu rosto.

"Mas da próxima vez, quero que você pergunte primeiro."

"Guweegh?!" Vai ter uma próxima vez?! Ela não se importa?!

"O que foi isso? Será que humanos conseguem fazer esse som?"

Ela me olhou, os olhos arregalados. *Ah, por que eu sempre me comporto tão estranha perto dela?* Deve ser culpa dela de alguma forma.

"Parecia que você tava falando grego ou algo assim..."

"Você não vai esquecer isso tão cedo, né?! Olha, uh... a partir de agora, eu vou perguntar primeiro. Eu prometo."

Para ser honesta, foi muito menos estressante não ter que perguntar, então esse novo requisito só tornaria as coisas mais difíceis para mim... mas, por outro lado, parecia que ela estava implicitamente dizendo "não me importo que você faça isso, desde que me avise com antecedência", o que foi um grande alívio.

O único inconveniente, no entanto, era que isso sugeriu que ela não tinha intenção de iniciá-lo por conta própria. Na minha mente, éramos como duas linhas paralelas, e eu estava me esforçando o máximo que podia para interceptar a dela.

"Ótimo." Ela levantou nossas mãos unidas. "Confie em mim, ninguém mais vai tentar tirar minha mão de você."

Ela sorriu suavemente, e eu fiquei vermelha de vergonha. Ela tinha um jeito de soltar essas frases como se não fosse grande coisa, e isso só... ah, me deixava louca! Quase parecia que ela estava esfregando meus sentimentos na minha própria cara.

Mas... eu não era a única pessoa na vida da Shimamura. Havia outras. Pessoas como a Nagafuji. E sim, isso me fazia querer ser um pouco mais agressiva na minha abordagem. Por um momento, considerei explicar isso, mas achei melhor não.

Voltamos para a escada rolante e subimos. Fiquei imediatamente aliviada por não termos que subir os degraus manualmente, porque minhas pernas estavam tão dormentes do frio que eu não estava confiante de que funcionariam corretamente. Shimamura pisou no degrau abaixo do meu, mas mesmo assim continuou segurando minha mão.

Quando saímos, no entanto, senti como se pudesse perceber os casais do sexo oposto olhando para nossas mãos unidas enquanto passavam. Shimamura não parecia notar ou se importar, mas eu definitivamente sim. Meus ombros ficaram tensos. Quanto mais atenção atraíamos, mais eu percebia que nós duas estávamos de mãos dadas.

Minha mente ficou em branco. Agora tínhamos chegado ao segundo andar, mas... onde eu deveria levá-la? Minhas notas mentais estavam totalmente em branco, todo meu reconhecimento minucioso jogado pela janela. Desajeitadamente, arrastei a Shimamura pelo corredor.

Onde era mesmo...? Ah! Era ali, à direita do desembarque da escada rolante.

"Eu... eu estava pensando que poderíamos ficar por aqui... se você quiser," eu gaguejei.

Este era o mesmo centro de diversões onde nós três tínhamos ido jogar boliche. Assim que entramos, a música de Natal tocando nos alto-falantes do shopping foi prontamente abafada por um zumbido ainda mais alto.

"Vamos jogar boliche de novo?"

"Não."

Se fôssemos para a pista de boliche, eu estava aterrorizada de encontrar aquela menininha de cabelos azuis novamente. Nem pensar. Em vez disso, eu a conduzi além das mesas de pingue-pongue e sinuca até a parte mais barulhenta do local: o fliperama.

Entramos e encontramos o lugar praticamente deserto. Então, o que estava causando toda a algazarra? Eram os jogos — a pista de kart, o gabinete eletrônico de bingo, todos apitando e tocando alto sem direcionamento específico. O jogo de empurrar moedas estava decorado com personagens de desenhos animados sorridentes. A visão fez meu coração doer, da mesma forma que doía sempre que eu pensava em todos os personagens por quem já fui apaixonada, só para vê-los lentamente cair no esquecimento.

Passamos pelo jogo de empurrar moedas e contornamos o gabinete de bingo até o meu destino escolhido: uma mesa de *air hockey* perto do fundo da sala. Estava um pouco desatualizada em comparação com os outros jogos, e havia outra mesa mais nova ao lado que oferecia um "modo de múltiplas fichas", mas eu escolhi a versão tradicional de propósito.

"Que tal uma partida de *air hockey*?"

Air hockey tinha muito em comum com o nosso passatempo favorito, o pingue-pongue, então eu imaginei que seria mais divertido do que assistir a um filme... mas agora que eu pensava sobre isso, se ficássemos paradas em uma sala escura por duas horas, eu com certeza ia cochilar. Eu precisava manter meu corpo em movimento para ficar acordada.

"Ooh, *air hockey*. Faz sentido."

Para ser sincera... eu só tinha jogado esse jogo talvez uma vez antes. "Quer jogar?"

"Claro." Ela começou a tirar o casaco, mas uma vez que o ar frio atingiu seus ombros nus, ela estremeceu e o colocou de volta. "Brrrr! Pensando bem, talvez eu deixe no corpo até depois de me aquecer um pouco."

Então ela pegou o taco, martelo… sei lá o que é… da cesta pequena e caminhou até a extremidade oposta da mesa. Naturalmente, isso significava que ela precisava soltar minha mão. Eu sabia que isso ia acontecer, mas ainda assim me senti decepcionada.

Esta mesa de air hockey custava 200 ienes por jogo, então cada uma de nós colocou uma moeda de 100 ienes. O disco saltou para fora, e eu coloquei meu taco sobre ele para segurá-lo no lugar. Então o placar voltou a 0-0.

Shimamura riu arrogantemente. "Vai lá e comece."

Isso é muito generoso da parte dela... Talvez ela seja muito boa nesse jogo. Aceitando sua oferta, estendi a mão e deslizei o disco para o meu lado.

E assim começou nossa partida, aqui neste fliperama vazio. Para ser sincera, eu tinha investigado o lugar antecipadamente para garantir que teríamos um pouco de privacidade... mas é claro que eu não ia contar isso para ela.

Decidi testar as coisas com um saque leve — e me surpreendi quando o disco de repente começou a apitar para mim. *Desde quando os discos apitam assim?*

Naturalmente, esse momento de apreensão não passou despercebido pela Shimamura. Houve um som agradável e leve quando ela rebateu o disco de volta com toda a velocidade, esperando aproveitar minha reação tardia. Lamentavelmente, o disco não entrou no gol por um centímetro e então retornou, posicionando-se para um novo saque, agora meu. Desta vez, eu o enviei de volta com força; ele ricocheteou na lateral e deslizou direto para o gol da Shimamura, como se eu tivesse planejado tudo.

"O que...?" ela murmurou enquanto se inclinava para frente e espiava dentro do seu gol, seu cabelo balançando com seus movimentos. Seu olhar se desviou para o taco, e ela inclinou a cabeça pensativamente. "Estranho... Esse jogo não funciona como eu me lembro."

"O que você quer dizer?"

"Às vezes eu jogo esse jogo com a minha irmã. Mas a gente tem o do Mário, e eu acho que talvez a configuração seja diferente."

Ela bateu o taco contra a testa. Evidentemente, ela era bem versada em *air hockey*, daí aquele risinho presunçoso de antes.

Agora era a vez dela de sacar. O disco voou em linha reta. Eu me movi para rebatê-lo, mas meu taco falhou em conectar, deslizando pelo ar vazio. Felizmente o disco tinha errado meu gol e voltou.

Enquanto isso, Shimamura encarava surpresa minha tentativa fracassada — tão surpresa, na verdade, que quando eu enviei o disco de volta, ele entrou direto no seu gol antes que ela pudesse reagir. Agora eu tinha marcado contra ela duas vezes seguidas. Ela sorriu, toda rígida.

"Não posso acreditar que você me distraiu com aquele blefe. Nada mal, Adachi."

"Heh... sim... táticas de profissional," eu respondi tentando impressionar... mas era óbvio pelo meu tom de voz que eu não estava realmente convencida. Ela riu.

Quem dera eu soubesse o que Hino faria em momentos como esses.

Mas, pensando bem, seria muito estranho se eu de repente adotasse uma persona animada. Eu não era iludida o suficiente para acreditar que conseguiria fazer isso. Com uma risada auto-depreciativa, eu bati no disco mais uma vez. E enquanto nos envolvíamos nesse jogo meio sério de *air hockey*, minha mente vagava lentamente para longe, deixando meu braço balançar no piloto automático.

Quem foi meu primeiro crush mesmo? Eu não conseguia me lembrar, mas tenho certeza de que não foi uma garota. De qualquer forma, de muitas maneiras, Shimamura era "a primeira".

Talvez eu simplesmente tivesse parado de me importar com gênero quando se tratava das minhas relações interpessoais... mas essa foi minha escolha pessoal. Para Shimamura e o resto do mundo, o gênero ainda era muito, muito importante. Eu tinha o bom senso de reconhecer isso. Da mesma forma, eu entendia (embora relutantemente) que precisava ser discreta sempre que meu comportamento desafiasse as normas sociais.

Mas enquanto parte de mim desejava que o mundo mudasse, outra parte de mim estava grata pelas circunstâncias que nos uniram. Se não tivesse sido tão quente durante o verão... se as férias de verão não tivessem durado tanto quanto duraram... se não tivéssemos nos esbarrado no segundo andar do ginásio... se não tivéssemos nos matriculado na mesma escola secundária... se ambas não estivéssemos tão entediadas na aula... então ela e eu nunca teríamos nos conhecido. Mas nos conhecemos. E isso significava que era o destino.

Por trás de cada novo encontro, havia centenas, milhares, milhões de pequenas escolhas que levaram até aquele momento. Um passo em falso e nossos caminhos nunca teriam se cruzado.

Mas felizmente, fiz todas as escolhas certas... e por isso, eu me amaria para sempre.

***

"Você mentiu para mim, não foi?"

"Não, juro!"

Depois de seis partidas de *air hockey*, fomos para o Freshness Burger no primeiro andar, onde almoçamos, apesar de meio tarde. Em nenhum momento eu planejei escolher um restaurante chique em honra ao feriado ou algo assim. Seria estranho reservar uma mesa só para nós duas, e se dividíssemos a conta, então eu me sentiria mal levando a Shimamura a algum lugar caro.

Para deixar claro, eu tinha dinheiro guardado do meu trabalho de meio período, então eu poderia pagar pela refeição inteira, mas conhecendo a Shimamura, ela não se sentiria confortável com isso. Era o tipo de gentileza que só era "gentil" se ambas as pessoas quisessem ativamente isso.

"Você me destruiu completamente", Shimamura sorriu enquanto beliscava as batatas fritas que vinham no seu combo.

No final, ganhei por 4 a 2. Mas eu não era especialmente habilidosa; Shimamura é que era realmente ruim. Evidentemente, sua experiência passada não tinha ajudado muito. É claro que eu não ia dizer isso em voz alta.

"Sabe, não é legal intimidar uma iniciante que não tem chance contra você."

"Eu não estava te intimidando!" insisti, gesticulando com as mãos. Mas eu sabia que ela não estava brava de verdade comigo.

"Eh, ainda foi divertido", ela deu de ombros. "Você sempre me vence no pingue-pongue também, agora que reparei."

"Acha mesmo?" Eu parei para relembrar, já que na verdade não estava contando os pontos.

"Pensando bem, talvez eu tenha mais vitórias", ela respondeu brincando, fingindo ponderar um pouco mais.

"Ei! Só porque eu não lembro não significa que você pode inventar coisas!"

Eu fingi fazer beicinho, depois ri sozinha. Agora que estávamos brincando, meus nervos descontrolados começaram a relaxar. Eu não os tinha completamente sob controle, e na verdade não sabia exatamente o que os disparava, mas por enquanto, tudo estava bem. Se eu tivesse que adivinhar, provavelmente ficaria tensa novamente se começasse a olhar em volta do restaurante mais do que o absolutamente necessário, mas eu não iria testar essa teoria. Tudo o que sabia era que a maioria das outras mesas tinha casais de sexos opostos sentados nelas.

Vocês devem realmente gostar do Natal, pensei comigo mesma como uma hipócrita.

Shimamura deu um gole em seu café pelo canudo e olhou pela janela para o estacionamento. "Parece que foi ontem... Quatro meses não é assim tão longo, sabe?"

Eu estava inclinada a concordar. De certa forma, parecia que nunca tínhamos realmente deixado o ginásio — eu podia imaginar isso claramente.

“Quando formos para o segundo ano... Quando a primavera chegar e o clima esquentar... você acha que vai voltar lá em cima?” ela me perguntou, sondando, olhando profundamente nos meus olhos.

Para ser honesta, sempre que estava lá em cima naquele lugar com ela, me sentia perfeitamente em paz. E se fosse completamente honesta comigo mesma, não queria que nós fritássemos lá em cima durante o calor do verão — queria que nos recostássemos e relaxássemos durante o suave sol da primavera.

Mas isso era o que eu queria, não o que Shimamura queria.

"Não, eu só vou para a aula", eu disse a ela. "Depois da escola, podemos vir aqui e jogar ping-pong lá em cima."

"Estrelinha dourada pra você", ela respondeu, sorrindo satisfeita enquanto "classificava" minha resposta. "Você ficou tão boazinha!"

Triste dizer, ela tinha me interpretado mal. Honestamente, eu estava apenas seguindo os exemplos dela.

"Cara, vamos ser do segundo ano... Isso significa que seremos designadas para uma nova sala de aula...", Shimamura refletiu em voz alta para si mesma. Ela não parecia muito preocupada com isso, mas para mim, era uma crise importante.

A partir de hoje, vou rezar a Deus para ficar na mesma classe que a Shimamura de novo... e, enquanto isso, vou tentar me preparar caso não aconteça.

Não é como se nós duas conversássemos muito durante a aula — na verdade, quase nada. Ainda assim, era reconfortante tê-la ali dentro do meu campo de visão.

Nós duas éramos apenas amigas, e mesmo assim, a ideia da Shimamura fazer outros amigos pelas minhas costas me deixava enjoada. Eu não tinha pensado nisso até agora, mas aparentemente eu era do tipo muito ciumenta. Especialmente porque eu ainda estava chateada com a coisa da Nagafuji. E se acabássemos em classes diferentes, Shimamura começaria a sair com outros

amigos cada vez mais... Isso não me enfurecia tanto quanto me assustava; eu estava aterrorizada de que começássemos a nos afastar.

Nós terminamos o resto do café e saímos do restaurante. De lá, voltamos ao segundo andar e nos sentamos em uma mesa para duas pessoas perto do desembarque da escada rolante.

Shimamura não chegou a tirar o casaco nenhuma vez — acho que ela não passou calor em nenhum momento. Agora ela estava sentada olhando para o espaço, observando distraída as pessoas que passavam, suas pernas esticadas levemente. De vez em quando, ela mexia os pés, e por alguma razão achei isso adorável. Havia esses momentos passageiros em que Shimamura revelava seu lado mais infantil, e isso me cativava sempre que acontecia.

Então decidi que este era um bom momento, e foi aí que tirei o presente de Natal dela de dentro da minha mochila.

"Isso é para você, Shimamura."

Ofereci a ela o pacote de folhas de chá, embrulhado em estilo tradicional japonês. Curiosa, ela aceitou, e depois me encarou com um olhar que dizia "o que é isso?"

"É... você sabe... seu presente de Natal."

"Uau." Ela olhou para ele, exageradamente surpresa. Piscando, ela segurou o pacote no alto e o examinou de todos os ângulos. "Nossa, obrigada! Sério, estou muito tocada."

Ela coçou a bochecha em uma rara demonstração de constrangimento, sua expressão calorosa e afetuosa, então abraçou o chá contra o peito. De alguma forma, isso me lembrou do tempo em que eu estava entre suas pernas, e o constrangimento se espalhou para mim também.

“Oh, esse é aquela mistura que cheira muito bem! Eu estava querendo experimentar,” ela exclamou, radiante, enquanto lia o rótulo. Evidentemente, Hino acertou em cheio. “Como você sabia?”

Ah. Certo. Pensando bem, tecnicamente eu não deveria saber.

“Foi um palpite em cheio ou algo do tipo?” ela perguntou.

“...Não,” respondi honestamente.

Ela pressionou um dedo na testa e murmurou em contemplação enquanto olhava ao redor, como se estivesse tentando lembrar de algo. “Eu sei! A Hino te contou?”

“Oh, uh...sim.”

“Olha só você, Pequena Miss Pensativa,” ela brincou, acariciando meu cabelo. Para mim, esse gesto foi o melhor presente que eu poderia ter recebido.

Eu me inclinei contra a mão dela querendo mais, mas ela rapidamente se afastou. *Droga.*

“Quem diria que nós duas teríamos a mesma ideia, né?”

“Espera, o quê?”

“Como você foi uma boa menina esse ano, sua onee-chan te trouxe um presente.”

Shimamura tirou algo da sua mochila... mas minha empolgação com a palavra "presente" morreu rapidamente assim que vi o que era. Eu congelei.

A Shimamura Noel tem um gosto interessante para presentes, com certeza.

"O que é isso?"

"Um bumerangue."

À primeira vista, pensei que fosse um cabide quebrado. Confusa, peguei o objeto azul em forma de V da mão dela... *E agora?*

"E aqui estão os seus óculos de proteção."

Em seguida, peguei os óculos... *Sério, e agora?*

"Devo usar isso quando brincar com ele?"

"Sim. Ah, mas só para você saber, eu testei antes para garantir que fosse realmente divertido antes de te dar, e definitivamente é."

"Legal..." Não tinha certeza do que dizer mais. Não apenas fiquei surpresa que ela me deu um bumerangue, mas fiquei surpresa por ela ter me dado alguma coisa. Eu olhei para o bumerangue e tentei decidir se deveria me sentir tocada.

"Eu sou péssima em escolher presentes, então pedi ajuda para a Nagafuji... e por algum motivo, foi isso que acabamos escolhendo. Pedi conselhos para a pessoa errada, né?"

"Nagafu—ah!"

Então... isso explicava por que as vi juntas no outro shopping! Shimamura estava comprando um presente para mim! Deixando de lado a escolha do presente, eu estava honestamente lisonjeada — e aliviada, agora que sabia a verdade — e envergonhada por ter ficado com tanta inveja no começo. Às vezes eu podia ser tão egocêntrica.

Olhando para o chão, estendi a mão e coloquei-a no ombro de Shimamura, criando uma ponte instável entre nós.

"Adachi?" Ouvi ela perguntar, em tom duvidoso.

Por um momento, fui dominada pelo impulso de abraçá-la bem forte, só para ver o que aconteceria se reduzisse nossa distância física a zero. Infelizmente, tinha a sensação de que fazer isso só a afastaria emocionalmente. Então, em vez disso, me contive.

Podia sentir minhas bochechas queimando; provavelmente estavam vermelhas como pimentões. Lentamente, olhei para cima, em direção a ela.

"Obrigada, Shimamura. Eu amei."

Eu sabia que ela queria que eu realmente usasse, mas planejava levá-lo para casa e pendurá-lo na parede como decoração. Mesmo que — na remota possibilidade — deixássemos de ser amigas um dia... Eu nunca, jamais o tiraria.

“Eu só estou feliz que você tenha gostado.”

Verdade seja dita, não, eu não gostei. Mas gostei do fato de ela ter me dado um presente, apesar disso. Especialmente no Natal. Isso foi suficiente para mim.

"De qualquer forma," Shimamura continuou em seu tom habitual, coçando a bochecha, "quer sair e brincar com ele?"

"...O quê?"

"Ah, eu só pensei em te ensinar a jogar."

"Não..."

Por reflexo, eu ia dizer "Não, obrigada", mas não suportei tirar o sorriso do rosto dela. Antes que pudesse reorganizar mentalmente o resto dos meus planos para o dia, no entanto, ela seguiu na direção da escada rolante que descia. Ela estava 100% séria sobre brincar com esse bumerangue estúpido.

No final do dia, ninguém podia negar que Shimamura era estranha à sua maneira. Mas foi essa estranheza que nos uniu e me fez feliz.

Talvez essa interpretação, por sua vez, provasse que eu também era tão estranha.

Apressei-me atrás dela e estendi a mão.

"Posso?" Eu disse rapidamente. Então, com a permissão dela, peguei sua mão.

Assim, eu vou ficar aquecida.

***

Do lado oposto da rua, em frente ao shopping, ao lado da autoescola, havia um pequeno parque desprovido de visitantes — além de nós, é claro. Era período de férias de inverno, então todas as crianças pequenas provavelmente estavam em casa jogando videogame. Os equipamentos enferrujados do parquinho rangiam no vento de inverno, a tinta descascada tremulando levemente.

Nunca tinha visitado um parque durante o inverno, nem mesmo quando criança.

Seguindo as instruções da Shimamura, tirei o bumerangue da bolsa. Felizmente, nesse ponto, meu cabelo já havia secado completamente e agora

tremulava na brisa, assim como o dela. Eu a observei enquanto ela ajeitava as franjas para cima, afastando-as do rosto.

“Primeiro, você posiciona o bumerangue de costas,” explicou Shimamura, com menos confiança do que o habitual, como se estivesse apenas repetindo o que tinha ouvido de alguém. Então meu coração deu um pulo quando ela pegou minha mão e ajustou minha pegada.

Esse bumerangue já estava se provando bastante útil.

“Você vai querer lançá-lo verticalmente — não para cima, mas direto pra frente.”

Então ela se afastou para me dar espaço, e me perguntei se poderia pedir a ela para voltar e explicar tudo mais uma vez. Provavelmente não.

Percebi tardiamente que não havia colocado meus óculos protetores, mas era tarde demais — eu já havia feito meu lançamento.

O bumerangue azul partiu em direção ao céu igualmente azul. Por um instante, pareceu derreter na atmosfera e desaparecer de vista, mas então pareceu quicar em uma parede invisível e girar de volta na minha direção, fazendo um som alto de zumbido enquanto se aproximava. Estendi a mão para pegá-lo, mas ele voou direto atrás de mim, pousando perto do domo de escalada de metal. Corri até lá, peguei-o e o limpei.

Isso deveria ser divertido?

“Leva um pouco de prática,” comentou Shimamura como se de repente fosse a principal especialista em bumerangues do mundo.

“Você consegue pegar essa coisa?”

“Leva um pouco de prática,” ela repetiu. Parece que não.

Será que havia algo errado com a minha postura ou ângulo ou alguma coisa assim?

“Tenho que admitir, é meio surreal assistir a uma garota em um vestido chinês lançar um bumerangue,” ela continuou, e mais uma vez me dei conta da minha roupa escolhida. Por um tempo, havia esquecido completamente que estava usando meu cheongsam.

Olhei para baixo e descobri que minhas pernas estavam totalmente expostas através das fendas altas nas laterais. Rapidamente, endireitei minha postura e lancei o bumerangue para distrair minha vergonha. Ele seguiu praticamente a

mesma trajetória que da última vez, pousando novamente atrás de mim. Peguei-o e fiquei olhando para ele.

Lançar, pegar, lançar, pegar. Era só isso para mim. Pessoalmente, eu me divertiria mais jogando outra partida de *air hockey*. Talvez lançar bumerangues simplesmente não fosse para mim.

"Não está se divertindo?" Shimamura me perguntou.

"Não muito", admiti timidamente. Mas ela não pareceu muito desapontada.

"Ah, que seja," ela murmurou. "Quer voltar para dentro e eu te compro outra coisa?"

"Não, não, tudo bem," eu gaguejei, gesticulando com o bumerangue. Afinal, ainda tinha valor para mim, embora não da maneira que ela pretendia.

Seus olhos seguiram o bumerangue enquanto ele balançava de um lado para o outro em minha mão. "Tudo bem então," ela deu de ombros com um pequeno sorriso satisfeito, como uma irmã mais velha orgulhosa. "Mas acho que deveríamos voltar para dentro. Está frio aqui fora."

Diante de sua sugestão, voltamos para o shopping... mas algo dentro de mim estava me segurando, quase como se estivesse me sufocando. *Ela não vai se abrir com você enquanto estivermos em público,* adverti a mim mesma. E estava certo, é claro. De jeito nenhum eu poderia conversar com a Shimamura sobre amor ou romance enquanto estivéssemos cercadas por casais... então é agora ou nunca. Eu não estava preparada, mas teria que improvisar e tentar não tropeçar em mim mesma.

“Ei, hm…”

Eu dei um passo à frente, e ela se virou para me olhar. Então, peguei sua mão, com a palma para cima, e a segurei entre as minhas, entrelaçando nossos dedos.

Ela me olhou confusa, provavelmente porque não estava acostumada a alguém a tratando assim. "O que foi?"

A importância do feriado servia como uma desculpa conveniente, me incentivando. Movimentei meu dedo ao longo das linhas de sua palma como se estivesse procurando por algo.

"Ei, isso faz cócegas", ela me repreendeu.

"Desculpe. É que eu só..."

...Te amo. Te amo, Shimamura. Eu te amo.

Minha garganta apertou até eu mal conseguir respirar. Meus lábios tremeram.

"Eu só quero ser sua, hm...amiga."

Essa era a coisa mais próxima do máximo que eu podia alcançar com o meu atual nível de coragem, e eu teria que me contentar com isso.

"Você é minha amiga", ela respondeu com um sorriso confuso.

Sim, eu sei. Mas não é isso que eu quero dizer.

"Eu não quero ser apenas uma amiga comum", eu expliquei. Então eu percebi a implicação do que eu disse e comecei a gritar internamente. Minha visão ficou turva.

Eu sabia que não era certo tentar medir nossa amizade, mas agora não havia como voltar atrás. Eu teria apenas que tentar explicar a ela o que eu queria. Dei mais um passo à frente.

"Eu quero ser sua melhor amiga."

Prometa-me que sempre voltará para mim, não importa o quão longe voe.

“Minha melhor amiga?" ela repetiu, franzindo o cenho, como se não entendesse completamente. Quanto mais eu olhava para ela, mais sentia os pés gelados, então decidi falar tudo de uma vez e acabar com isso.

"Sim, então... hm... o que quer que eu precise fazer para chegar lá, eu farei."

"Ah... tá," ela respondeu vagamente. "Hmm." Ela franziu a testa.

Então ela começou a tremer de frio. Ela puxou o capuz sobre a cabeça, provavelmente para manter as orelhas quentes, e por algum motivo esse pequeno gesto (ainda que adorável) me deixou fascinada.

“Não tenho certeza se entendi, mas... acho que é bom se esforçar ao máximo, então sim."

"Sim."

Ela definitivamente não entendia; isso estava claro. E ainda assim... enquanto eu olhava para baixo, Shimamura estendeu a mão e acariciou meu cabelo. Para facilitar o acesso dela, eu me agachei logo em seguida — ao ponto de nossos rostos quase se tocarem. Sem dizer uma palavra, ela apoiou minha cabeça em seu ombro.

Eu alcancei e segurei o cotovelo de seu casaco como se nunca quisesse deixá-la ir. Então, fechei os olhos e inclinei todo o meu peso contra ela. Por um momento, parecia que o bumerangue em minha mão nos levava para o céu. Ainda podia imaginar ele se perdendo no vasto horizonte azul.

Ficamos ali em silêncio — duas garotas sozinhas em um parque, abraçadas, tremendo de frio. Era o momento perfeito... pelo menos para mim. Claro, não era nenhum milagre de Natal, mas eu não poderia pedir mais nada.

Lá no fundo, tudo o que eu queria era passar o tempo com a Shimamura no Natal, e esse desejo foi realizado horas atrás. O dia de hoje já estava perfeito desde o início; o restante do tempo foi simplesmente passado admirando a vista do sétimo céu. O air hockey, o café, os presentes... Estes eram todos pequenos passos de volta à realidade. É verdade que eu quase tropecei com toda a história do bumerangue, mas, na maior parte, tudo correu sem problemas. O dia ainda não havia acabado, mas eu já estava confiante de que permaneceria um sucesso completo até o final.

Enquanto Shimamura passava os dedos pelo meu cabelo, ocorreu-me que minha mente estava tão vazia que não seria capaz de guardar este dia na memória. Em vez disso, ele seria perdido na bruma de neve que se instalara em meu cérebro.

Um Natal branco, de fato.